ANNO I — N.º 78 — Edição da manhã

Duas edições diarias

Segunda-feira, 5 de Outubro de 1914

A RESTAURAÇÃO

Propriedade da Empreza Jornalistica Portugueza
TELEPHONE — 867
Endereço telegraphico — RESTAURACÃO
Administrador — Jorge Santos
Editor — João Antonio dos Santos

DEUS, PATRIA E REI

Redacção, administração e officinas de composição
RUA DA EMENDA, 30, 1.º — LISBOA
Officinas de impressão — Rua Marechal Saldanha, 30
SUCCURSAL — Rua Garrett, 48

DIRECTOR — HOMEM CHRISTO FILHO

PRINCIPE NAPOLEÃO

Um dos noivos: o príncipe Napoleão

Guy de Cassagnac

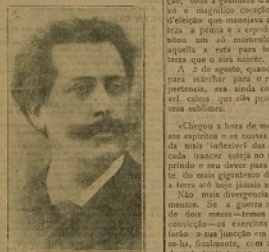
Gloire à notre France éternelle!
Gloire à ceux qui sont morts pour elle,
Amis marchez, soit vaillants, sans faiblir
Et sous ce enlèvement leur exemple
Que vaudront plus dans le temple
Le peu mourrant comme le mort nourri

VICTOR HUGO.

Tenho aqui sob os meus olhos, á hora que escrevo estas linhas, o retrato daquelle que, para mim, foi o melhor, o mais sincero, o mais devotado dos amigos.

Ah que tristeza! que saudade enorme se sente ao dizer que esse amigo já não existe! Já não existe!

E não posso reter uma lagrima ao pensar que esses olhos, ainda hontem



Paul de Cassagnac, pai de Guy de Cassagnac

tão cheios de vida, estão agora e para sempre, irremediavelmente fechados!

Olho ainda e sempre, a sua voz grave de insinuante, de calorosa timbre: vejo ainda aquelle rosto masculo de energicas traças, sombrias pupilas phosphorescentes, e se sou tolhar de leio toda a ambição d'um ser puramente d'eleição, valoroso, magnanimo, um coração cheio de generosidade, pasmado pelo mais nobre, mais elevado ideal.

Patriota enthusiasta e fervoroso, orador cheio de distincção, escriptor talentoso, Guy de Cassagnac sabia sempre inspirar aquelles que d'elle se approximavam, uma profunda admiração á qual se mesclava uma ternura sympathica.

Muito eclectico nos seus sentimentos, considerava a amizade como um projecto e sagrado laço e não a conversia senão a um restricto numero d'eleitos, porém, desde o momento que lhe soubes sem captar a confiança, mostrava-se pasmado d'uma dedicação que tocava a raias do sacrifício, d'uma bondade que encerrava em si toda uma abnegação.

Nas horas d'angustia, elle lá estava para reconfortar, para animar e servir de companheiro nas lucias da vida e aquella inquebrantavel vontade, aquella

Paul e Guy de Cassagnac

poderosa energia do seu caracter, encantavam, seduziam como uma borgiglioni fonte.

Ive a prova d'isso mais d'uma vez, e jamais esquecerei os insistentes arrazoados que esse grande amigo me prestou em varias circumstancias, a mim e a Casa Monarchica.

Filho e neto de soldados cuja carreira fôra uma serie de glorias, circulava-lhe ainda nas veias o logoso sangue dos heróes do Imperio e foi com alegria que elle esperou a hora da mobilisação.

A 29 de julho escrevia elle na *Autorité*:

«Eu a par, é a guerra! A esse respeito nada sabemos! Ignoramos o que vai ser... Ah! mas se fôr a guerra, então formularemos a nossa ambição: a ambição de morrer a com outros para lá da fronteira, nada mais pedimos, nada mais queremos.»

E esta phrase tão bella, tão grandiosa na sua simplicidade, é mais do que sufficiente por si só, para pintar d'um só traço toda a energia, toda a abnegação, toda a grandeza d'alma d'esse altivo e magnifico coração, deve bomem d'elegante que manejava com egual prezza a penna e a espada e que não hesitou um só momento em sacrificar aquella a esta para honra e lustre da terra que o viu nascer.

A 2 de agosto, quando se preparava para marchar para o regimento a que pertencia, era ainda com uma admiravel calma que elle proferia estas palavras sublimes:

«Chegou a hora de marcar-se os nossos esquiffes e as nossas almas na calma da mais infinita das resoluções. Que cada franco esteja no seu posto, cumprindo o seu dever para decidir da sorte do mais glorioso dos cheiroços que a terra até hoje jamais supportou.

Não mais divergencias nem desavarimentos. Se a guerra rebentar, dentro de dois mezes—e nós estamos a ser a convicção—os exercitos francez e russo farão a sua junção em Berlim: acabar-se-ha, finalmente, com o pesadello que, durante tanto tempo, tem pesado sobre o mundo.

E agora, leitores, a vós, dentre os quaes alguns conheceram o nosso avô, e cuja afeição nos encorajou e esteve durante mais de dez annos, ás mais vêr ou adeus, como é Providencia aprouver.

A'manhã encontrar-se-hemos ambos nas fileiras por Deus e pela França!

Ah meu querido amigo desapparecido! como te linhas rasão!

Foi por Deus, foi pela França, que tão nobremente sacrificaste a tua vida e até a sublima gotta prodigalisaste o teu sangue.

Por Deus e pela França é que tu morreste como um martyr: é que tu te sacrificaste como um heróe!

Veiu uma baia assassina e rapida, n'um instante tragico, arrebatar-te a nossa afeição e despedaçar os nossos corações, as tuas esperanças e aquella bella carreira ainda tão curta mas já tão gloriosa!

Colheu-te a Morte em pleno juventude, em pleno vigor: mas, como um verdadeiro francez, como um bravo em todo o sentido da palavra, morreste no campo da honra!

Paladino infatigavel d'uma epopeia soberba, essa morte heroica, era a unica

Um dos noivos: o príncipe Napoleão

tudo, sempre que queira, e não seja injusto supponho que a sua carta me aborrecem. As cartas de uma mulher nunca aborrecem—quando respeitam a familia. Dizem-me v. ex.ª a sua edade, para que lh'a beije, com muito respeito e infinitos agradecimentos pelas suas lisonjeiras amabilidades.

Lord Henry

Commentarios...

O povo e a camara

Se isto nece um crime
Amaldiçoo o meu crime.
O povo da capital
Não lhe respeita o que diz.
E a ave vai mentindo
Anda bastante infeliz.

Foi d'um grotesco tremendo,
O espectaculo corrupto.
Em que andou ao desfilo
Com um carnaval esdapendo.
Foi ao S. Carlos
Cinco *cavalheiros* o que estão verdes.

Não sei como inda suportam,
Pois a não quer amar;
E só nos resta apenas
Nesse dundo de morte,
Se é sita que tem saar.
Ou não que não tem os sorte.

Cesar.

Preparando uma lita...

Os bilhetes que alli na rua de S. Roque, redigem um jornalecco que, quando, ocasionalmente, tem vez sophismar e adulterar, ou inventar, coisas d'politica dos vinhos mais odiosos, publicam hoje, na primeira pagina do seu supposto mincer, esta infamia e esquipatica notícia:

«Sabemos, por informações dignas de fede, que, não, que, não, que, não

ANNO I—N.º 79—Edição da manhã

Duas edições diarias

Terça-feira, 6 de Outubro de 1911

A RESTAURAÇÃO

Propriedade da Empreza Jornalistica Portugueza
TELEPHONE — 847
Endereço telegraphico — RESTAURAÇÃO
Administrador — Jorgo Santos
Editor — João Antonio dos Santos

DEUS, PATRIA E REI

Redacção, administração e officinas de composição
RUA DA EMENDA, 30, 1.º—LISBOA
Officinas de impressão — Rua Marechal Saldanha, 30
SUCCURSAL — Rua Garrett, 48

DIRECTOR — HOMEM CHRISTO FILHO

A MORTE DE UM HEROE

GUY DE CASSAGNAC

BORDEUS, 20 de setembro — Guy de Cassagnac, o illustre escriptor francez que com seu irmão Paulo se alistára no exercito que combate os allemães, acaba de morrer na Lorena attingido em pleno peito por uma bala prussiana quando conduzia os seus homens n'uma vigorosa e enthusiastica carga á baioneta.

(Do nosso correspondente especial)

O Principe Napoleão—Um dos maiores amigos de Guy de Cassagnac

Gloire à notre France éternelle!
Gloire à ceux qui sont morts pour elle,
Aux martyrs, aux vaillants, aux forts!
A ceux qu'enflamment leur exemple!
Que soulève plus dans le temple
Le pas mourrent comme ils sont morts!

VICTOR HUGO.

Tenho aqui sob os meus olhos, á hora a que escrevo estas linhas, o retrato d'aquelle que, para mim, foi o melhor, o mais sincero, o mais devotado dos amigos.

Ah que tristeza! que amargura enorme se sente ao dizer que esse amigo já não existe! Já não existe!

E não posso reter uma lagrima ao pensar que esses olhos, ainda hontem tão cheios de vida, estão agora, e para sempre, irremediavelmente fechados!

Oiço ainda e sempre, a sua voz grave de inimitavel, de caloroso timbre veja ainda aquelle rosto masculo de energicos traços, sombreas pupillas phosphorescentes, e no seu olhar e na leio toda a ambição d'um ser puramente d'eleição, valoroso, magnanimo, um coração cheio de generosidade, possuido pelo mais nobre, mais elevado Ideal.

Patriota enthusiasta e fervoroso, orador chefe de distincção, escriptor talentoso, Guy de Cassagnac soube sempre inspirar aquelles que d'elle se approximavam, uma profunda admiração á que se mesclava uma irresistivel sympatia.

Muito eclectico nos seus sentimentos, considerava a amizade como um precioso e sagrado laço e não a considerava senão a um restricto numero d'eleitos, porém, desde o momento que lhe soubessem a captar a confiança, mostrava-se possuido d'uma dedicação que tocava as raias do sacrificio, d'uma bondade que encerrava em si toda uma abnegação.

Nas horas d'angustia, elle lá tinha para reconfortar, para amparar e servir de companheiro nas luctas da vida e aquella inquebrantavel vontade, aquella poderosa energia do seu caracter, encantavam, seduziam como uma incognitavel lonte.

Tive a prova d'isso mais d'uma vez, e jamais esquecerei os inestimaveis serviços que esse grande amigo me prestou em varias circumstancias, a mim e a Causa Monarchica.

Filho e neto de soldados cuja carreira fiva uma serie de glorias, circulava-lhe ainda nas veias o fogoso sangue dos heroes do Imperio e foi com alegria que elle esperou a hora da mobilisação.

A 29 de julho escrevia elle na *Auciplin*:

«E' a paz, é a guerra? A esse respeito nada sabemos: limitamo-nos a esperar... Ah! mas se for a guerra, estão formularemos a nossa ambição: a ambição de morrer a cem metros para lá da fronteira: nada mais pedimos, nada mais queremos.»

E esta phrase tão bella, tão grandiosa na sua simplicidade, é mais do que suficiente por si só, para pintar d'um só traço toda a energia, toda a abnegação, toda a grandeza d'alma d'esse altivo e magnifico coração, d'esse homem d'eleição que manejava com egual presteza a penna e a espada e que não hesitava um só momento em sacrificar aquella a esta para honra e lustre da terra que o vira nascer.

A 2 de agosto, quando se preparava para marchar para o regimento a que pertencia, era ainda com uma admiravel calma que elle proferia estas palavras sublimes:

«Chegou a hora de mergulhar os nossos espiritos e as nossas almas na calma mais inflexivel das resoluções. Que vêr ao adeus, como á Providencia aprovei.

A'manhã encontrar-nos-hemos ambos nas fileiras por Deus e pela França!»

Ah meu querido amigo desapparecido! como tu tinhas razão!

Foi por Deus, foi pela França que tão nobremente sacrificaste a tua vida e até a ultima gotta prodigalisaste o teu sangue.

Por Deus e pela França é que tu morreste como um martyr! é que tu te sacrificaste como um heroe!

Vesti uma bala assassina e rapida, n'um instante tragico, arrebatar-te a nossa affeição e despedaçar os nossos corações, as tuas esperanças e acordo da carreira ainda tão curta mas já tão gloriosa!

Cabe-nos a Morte em plena juventude, em pleno vigor: mas, como um verdadeiro francez, como um bravo em todo o sentido da palavra, morreste no campo da honra!

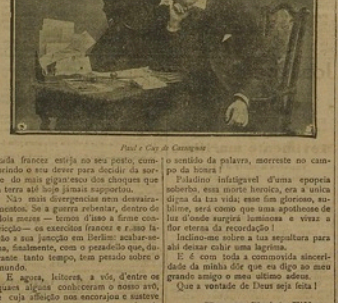
Paladino infatigavel d'uma epopeia sobre-humana, esta morte heroica, era a unica digna da tua vida; esse fim glorioso, sublime, será como que uma apotheose de luz d'onde surgirá luminosa e viva a flor eterna da recordação!

Inclino-me sobre a tua sepultura para ali deixar cahir uma lagrima.

E é com toda a commovida sinceridade da minha dôr que eu digo ao meu grande amigo o meu ultimo adeus.

Que a vontade de Deus seja feita!

Homem Christo Filho



Paul e Guy de Cassagnac

cuda francez estiga no seu posto, cumprindo o seu dever para decidir da sorte do mais gigantesco dos choques que terra alli hoje jamais supuzeram.

Não mais divergencias nem desavirancentos. Se a guerra rebentar, dentro de dois mezes — temos d'isso a firme convicção — os exercitos francez e russo lá estão a sua junção em Berlim: acabar-se-ha, finalmente, com o pesadelo que, durante tanto tempo, tem pesado sobre o mundo.

E agora, leitores, a vós, d'entre os quaes alguns conhecerum o nosso avô, e cuja afeição nos encorajou e sustevo durante mais de dez annos, até mais

DUAS PALAVRAS

A's suas ordens, senhores...

A Restauração foi apprehendida ante-hontem á noite e hontem de manhã. Não ha liberdade em Portugal. Está amordaçada, está especinhada, pela indegentissima malta republicana. Podemos portanto que nem hontem á noite nem hoje de manhã, os numeros d'este jornal continham violencias de linguagem. Elles foram apprehendidos unica e simplesmente porque é preciso festejar, com perseguições, com desatinos, com ataques de toda a ordem aos direitos individuaes, as datas celebres de 4 e 5 de outubro.

Queixa-se a demagogia imbecil e rancorosa de que os monarchicos empregam um vigor extraordinario no combate do regimen de escandalos, de arbitrariedades que existe presentemente em Portugal. Empregam, sim senhor! Empregam! E como vis cobardes procederiam elles se em face das prepotencias e das infamias republicanas diminuissem a intensidade do seu protesto e a energia da sua fucta pela indispensavel, pela urgentissima restauração monarchica! Portugal não póde ser pertença de bandidos. Portugal é um pais de tradições gloriosas e é preciso que ellas sejam mantidas, a todo o transe, com sacrificio da propria vida, por todos os homens de bem.

Não tinhamos o proposito de escrever isto hoje, assim, com toda esta clareza. Mas já que persistem em supôr que nos assustam as perseguições policiaes, dirigidas por esse idiota que dá pelo nome de João Eloy e as ameaças dos formigas de varias especies que planeiam as suas infamias nas alfurjas da cidade, resolvemos dizer, alto e bom som, o que pensamos. E o que pensamos é o seguinte: Portugal está sendo dominado por um bando de criminosos, que é preciso correr a ponta-pés.

Aqui, n'esta casa, não ha medo. As ideias monarchicas serão defendidas n'este jornal até que lhe o fecmos os campos. Não pedimos misericordia, nem piedade. Os homens de caracter não fogem nunca aos perigos que os ameaçam. Se nos matarem — perdemos a vida, simplesmente. Não podemos perder outra coisa. Mas enganam-se se julgam que, praticando crimes sobre crimes, infamias sobre infamias, indignidades sobre indignidades e provando ao estrangeiro que a nossa terra é o acordo dos dadios indefesos são tratados como os viandantes eram tratados nas estradas calabrezas pelos saltreadores, conseguem destruir a fé inabalavel e tradicional de milhares de portugueses na excellencia e na bondade das instituições requintadamente monarchicas.

A republica fez-se por acaso. A Monarchia ha de ser restabelecida com firmeza, reflectidamente, porque constitue uma necessidade nacional. Não tenham duvidas esses senhores que, agora, protegidos pelos cavallos da guarda republicana, insultam tudo e todos, provocam tudo e todos e ás esquinas, cobardemente, vilmente, como os mais repellentes canalhas, de vez em quando se preparam em grupos para assassinarem os monarchicos. Não os ajudam nas suas malandrices e nas suas roubalheiras. Realizar-se-ha d'aqui a um mez o movimento redemptor? Realizar-se-ha d'aqui a um anno? Estas coisas não se fazem em prasos curtos. Fazem-se quando se podem fazer. Mas fazem-se ponderadamente e vigorosamente.

E agora venham aqui ao jornal, se querem. Destruam as vidas dos que trabalham n'esta casa. A historia registará, na parte referente á vida da republica, mais esses grandes vilens. Façam o que quizerem. Hoje foi o dia 5 d'outubro. E' preciso que os senhores immortalizem esta data com mais uma scena de sangue.

Paul de Cassagnac, filho de Guy de Cassagnac

Carta a Lady Hetty

(De um Enigma a uma Esphinge)

My Lady.—Convessar com uma senhora nas palmeiras pesadas e sembotunias onde se exilam, habitualmente, com seus graves conselhos, o senhor Artigo de fundo—é uma coisa que fere os meus nervos de *Raul* e pôe, nos meus labios endoutrinos, um traço de aborrecimento. Que v. ex.ª me leia—esse logo, quando escreve para todos os espiritos; para os bons e para os maus, para aqueles aos de os tornaliçar e amar, para os que lhe dão de beber e apascentar—está bem; mas que eu occupe esse logo só para lhe falar, minha senhora, acha uma prova de mau gosto da *parte* de Lord Henry.

V. ex.ª, na sua primeira carta (que me foi dada a conhecer, e que procura erguer a minha inacreia e conhecer-me. Tenho, quasi a certeza de que me conhece. Eu ou lhe deuse a chave do meu Zaygoo, v. ex.ª veria, talvez, porque não a *Bordet* (eu estimo-a) na mesma gaveta (aqui que me attribue me perteque, nem sou quem ouvia na conferencia a que se refere.

De certo, que pode intermetar-lhe saber quem sou. Neste caso, a pessoa é nada, a doutrina é tudo, porque a pessoa é um ser passageiro, e só a doutrina é forte, duradoura. Conhecer figuras humanas, nascuras humanas, é uma preocupação caracteristicamente burgueza.

O que devemos tentar conhecer é espiritos ultreva e suas manifestações, os scientificos, os ebelicos ou morais, e não *ser que se trata*, claro é, de creaturas adaravesa como v. ex.ª, que preismo ser, pela trancica delicada das suas expressões, uma admiravel lesbiana. Ha pensa d'esse modo, sob o ponto de vista geral, sob o ponto de vista do nosso nome em especial, tenho a diarrhiar que ha certo perfeito em conhecer Lord Henry que é displesmente detestavel. Lá o pseudonimo que adoptou é um trazo psychologico. V. ex.ª já leu decerto *The future of Dorian Gray* do mais interessante e elegante esplirito que a Inglaterra tem, até agora, nas letras: Oscar Wilde; a quem podemos definir de Georges Rémond da literatura. E assim deve recordar-se de Lord Henry e das suas opiniões, vindo, porque, a conhecer-se comsigo, que o Ile digo, escolhendo como escolhi, para cobrir o nosso sosto, o nome do grande amigo de Dorian Gray, seu simpatisante detestavel. Ignoramos, por exemplo, como se diz, *what natural is simply a jest, and the most civilising jest of known*, e isto causa colaitico principalmente ao nosso feito nominal que que se ilve a monotonia branca de uma rota branca, e requintada e lecturada cor de uma cerdeira polchrome.

E, como ella tambem affirma que *I admit that I think that it is better to be beautiful than to be good*—o que não deve ser nada bom diploma para quem quer entrar na sociedade ponderada do nosso respeitavel público. Não teste pois conhecer-me, sem perca e sem tempo, minha senhora, a não ser que v. ex.ª esteja apopletiana sobre quem tou ou posu vir a ser. Quem acreditar que muitas vezes nos temos cruzado nas ruas de Lisboa e em outras nacionalidades, notando a sua elegancia e a sua graça, correspondendo assim, e, pelo visto, admiravelmente, ás qualidades e ás delicadezas maneiras das suas curtas. Pode v. ex.ª contentar a escrever-me d'sua vontade, sempre que quiser, e não seja injusta suppondo que a mim cantou nunca desprezar-a. Ao contrario, nunca me aborrecem, quando respeitam a gramática. De mais, v. ex.ª a sua não, pois que já a beijei, com muito respeito e ardentes beijos decimentos pelos seus lisongeiros amabilidades.

Lord Henry

A'MANHÃ
Artigo do Conselheiro Luiz de Magalhães
DEPOIS D'AMANHÃ
Artigo de Lord Henry

Os allemães iniciam o ataque contra Antuerpia

PARIS, 5.— Noticias recebidas de Antuerpia informam que as tropas allemãs, providas já da grande artilharia de sitio, começam já o bombardeamento dos fortes avançados do campo entrincheirado de Antuerpia.

Se os allemães persistem no seu propositio de tomar a todo o custo apodera-se de Antuerpia, a lucta será terrivel, pois, como se sabe, esta praça é uma das melhor fortificadas do mundo.

PARIS E A GUERRA

"A Restauração" entrevista o escriptor Mario de Sá Carneiro, ha pouco chegado de Paris

As suas impressões sobre "A Cidade" nos dias da mobilisação

Sabendo em Lisboa o joven escriptor Mario de Sá Carneiro, o novellista da *Confissão de Lucio*, que se encontrava em Paris trabalhando ardentemente nos seus livros, procuraram-no para que dessem a sua palavra sempre brilhante, de sua conversa chiea de saúde e de sensação nova, nos dizer uma impressão de Paris, nos dias de mobilisação, quando a França, n'um enthusiasmo louco, n'um desejo de vingança, preparava os seus soldados para responder á audacia do *Kaiser*.

A mesa d'um *café*, depois de nos apertar a mão, presa da sua conversa magica, piena de recordações, nos incidentes francezes e fim do nome encanto.

—Uma esterrida!... — respondeu n'um sorriso de ironia.

—As suas impressões sobre Paris e a guerra...

—Indo-te Paris linha as oitiers feios na Falsão da Justiça, quando começaram a chegar as primeiras noticias da guerra em que tomaram acentuadas. As noticias foram-se avolumando, os rumores augmentaram e o processo Caillaux, que agitava a França inteira, foi pela pouco desapercebido do interesse do publico: os artigos de sensação do *Figaro* multiplicaram como por encanto em novas noticias de 2.ª pagina. Vivemos, nós os de Paris, então, as horas mais intensas e ruggentes de todo o periodo da guerra. Era admiravel. No meio do todo estupefacto uma preocupação: não aumentar. Em volta d'uma mesa ideia permanecia a vida interior. Todos Paris foi uma só alma... E não admira, exactamente como n'um dia de intenso calor, nos vinaes o ar e na atmosphera, mais de todas as almas emanava a mesma agitação Bellica. Sem illusões exaltadas, sem a ambição de reviver outra coisa qualquer ideia do ex... Fidelos mais a Patria, *simplesmente e finamente*... O proprio movimento dos carros era outro, mais continuo. E impunham-se expressivos esta mistação de vozes, porque o silencio era o mesmo, trasmissor de unicamente n'alma.

—E o dia da declaração de guerra? Havia enthusiasmo? Como se fez a mobilisação?

—Assista a esse facto — continuou o entrevistado — em plena *boulevard* dos Italianos. D'uma mesa do café de Riche presenciei os primeiros grupos que se formavam, bandeiras desfraldadas, gritando *à Berlin! à Berlin!* Não gritando, como se suppoeha, no 18 de setembro, paginas da *Náos*, paginas que, e'ssa tarde de 1 d'Agosto, eu escrevi com profundo estupefacção... Mas foi uma desilusão, meu amigo, porque nada *à Berlin!* era animado no mesmo unanime com que no Bairro Latino os estudantes exigem a demissão d'um continuo ou com que um bando de *noiseux* reclama o seu restaurante, de noite, e gerente, que tarda em vir.

A's 9 horas foi publicada a ordem de mobilisação, e de a e nesta passaram de principio grupos; o movimento dos trens e cavalgar pouco intensamente, como pela acção d'phen mesma corrente electrica interrompida de subito. Mas, logo, a multidão cresceu, e as ruas eram trens. A's 7 horas ainda só café e concerto *des boulevards* destinam. Depois, o Grande Oiro ao domingo, a ponto de ser inexplicavel como tanto gente desapparecera, em relampagos, e, de repente, a sensação de que se tornaram aberto aos alçapões magicos. Os dias seguintes foram interessantes. Principiaram a movimentar pelas ruas, e, em verdade, fôra d'isso não havia nada interessante.

—Falava-se de Portugal? Não ignoro, decerto, que aqui que teem revelado tanto mais interessante na conflagração, não é verdade?

Sim, é certo, por vezes ouvi dizer que o nosso pelo mobilisaria nosso homem; mas ali, como em Lisboa, tinham muitos.

O nosso interlocutor meditou um instante, e, como quem procurasse uma impressão de tristeza e de saudade.

—Sim, é certo, por vezes partiram com efeitivamente interrompi-o.

Ao ver cediaue, uma noite, de subito, um grupo de rapazes para a fronteira, o que mais impressão fez de que tinha em face de mim, foi o facto de ser tão pouco.

Os soldados marchavam fóra de linha, desfrutados, gingeiro e meio em arbitrar, cantavam, e, ao passar, tocavam a sua gaita, algumas d'ellas dadas, levando mais cinco, ou seis, e, ao passar, tocavam a sua gaita, atento. Partiam contentes para a guerra, é certo... Tinham mesmo enfeitado algumas espingardas com verdura, entretanto essa verdura, mais dava a impressão de tragedia, estabiada de pelo calor; algumas embarcavam gerais. A vista dos oficiaes a cavallo e todos os outros, desconhecidos, e o povo que os acompanhava, tornam-nos admiravelmente nas ruas na ara dos lampiões.

Compara Guillaume
Compara Guillaume
Compara...

Misturados com os mesmos 3 *Rorbal Bordeaux* varios Hon! Hon! que nos produziam uma impressão dolorosa. A valentia do soldado francez desaparecia diante d'esta impressão!

—E o movimento dos dias de mobilisação especiais.

—Cadaver coisa de desolador. No centro de Paris todos as lojas encerravam as suas portas. A's 8 fechavam os cafés. O movimento das ruas parecia artificial! Desolação total, a quebra completa de toda a poetisia, que é aquilo que mais deliza Paris... E que dir de grande esta, a de pensar que todos as grandes centrotiro da rio da Paz bedaiaiai